

Cadernos Teologia Pública

A Fraternidade no Gênesis: dificuldades e possibilidades

André Wénin

ISSN 1807-0590

ano VII – número 80 – 2013

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 JESUITAS

 UNISINOS
Somos Infinitas possibilidades

A fraternidade nas narrativas do Gênesis:

Dificuldades e possibilidades

André Wénin

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano X – Nº 80 – 2013

ISSN 1807-0590

Responsáveis técnicos

Cleusa Maria Andreatta

Caio Fernando Flores Coelho

Revisão

Carla Bigliardi

Edição eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Casarotti

Dra. Ana Maria Formoso – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Profa. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Profa. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8223 – Fax: 51.3590 8467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

A fraternidade nas narrativas do Gênesis

Dificuldades e possibilidades

André Wénin

Em memória de Silvana Manfredi

O Gênesis é provavelmente o livro mais interessante de toda a Bíblia, onde podemos observar os laços afetivos dentro da família. Comumente chamada de história das origens, de fato, o Gênesis conta a história de quatro gerações da família, colocando em cena cônjuges, pais, filhos, irmãos e irmãs. E deve-se admitir: do ponto de vista emocional essas histórias estão bem longe do ideal; mas, nos permitem observar a realidade humana¹.

¹ Agradeço pela tradução do texto em italiano a Prof. Elena Di Pede (Université P. Verlaine, Metz).

Para este trabalho, escolhi entrar no texto a partir das relações fraternas, que ocupam um lugar de destaque no primeiro livro da Torá. O Gênesis contém, na verdade, mais de um quarto dos usos do termo “irmão” (*‘ah*) da Bíblia hebraica. O termo faz-se cada vez mais presente com o avançar da história. A temática adquire uma amplitude cada vez maior, para culminar na história de José, onde se torna central com o emprego do termo por cem vezes.²

² Em Gn 1-11 (le “origini”), 13 vezes; em 11,27-25,11 (Abramo), 23 vezes; em 25,12-36,43 (Jacó), 42 vezes; em 37-50 (José), 100 vezes.

Dedicarei este espaço para explorar esta questão. A minha perspectiva é deliberadamente sincrônica e narrativa. Embora Gênesis tenha uma longa história literária, eu a considero neste trabalho como um livro, onde a história se desenvolve e produz uma reflexão narrativa sobre a formação do ser humano e do povo de Israel em seus fundamentos, em especial a fraternidade.

1 Caim: fraternidade difícil

Entre os irmãos, as coisas começam muito mal no Gênesis: Caim, o primeiro ser humano a ter um irmão, nunca será um irmão. Na verdade, se Abel é apresentado desde o início como “seu irmão” (Gn 4,2), Caim nunca é mencionado na história como o “irmão de Abel.” A única vez em que ele fala de “meu irmão”, é para negar toda e qualquer responsabilidade em relação ao homem que ele havia eliminado (4,9). De acordo com o texto, Caim é um homem que nunca se torna um irmão. A primeira história dos irmãos aborda, desta forma, a fraternidade como algo que não é dado de uma só vez, e P. Ricoeur tem razão quando escreve que “o assassinato de Abel [...] faz da

fraternidade um projeto ético e não mais um simples fato da natureza”³.

Retomemos a história. A fraternidade aparece com o nascimento do segundo filho de Adão e Eva: “ela gerou seu irmão Abel” (Gn 4, 2). Esta relação é, então, imposta a Caim. Mas aqui (como, talvez, na realidade), o fato de ter um irmão aparece como uma situação propícia à inveja, ao ciúme e à violência. Assim, quando os dois irmãos apresentam as suas ofertas, Caim se vê privado do olhar aprovador que Adonai dirige a Abel. Incapaz de se alegrar com a felicidade do irmão e de compartilhá-la, Caim é tomado por uma inveja que o consome e o faz sofrer. E mesmo que Adonai lhe dedique posteriormente toda a sua atenção e converse com ele para aplacar o seu ciúme, isso não muda muito as coisas: Caim deixa a inveja se transformar em violência assassina.

Apesar do ciúme de Caim, que não lhe permite ser um irmão, existem atenuantes, uma vez que a situação não é fácil para ele. Eis o modo como o narrador conta a história de seu nascimento: “O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: ‘Adquiri um homem com Adonai’ (4:1). Desde o

³ Em “Le paradigme de la traduction”, *Ésprit*, junho 1999, pp. 8-19 (p. 13).

seu nascimento, Caim fica amarrado à palavra da mãe, que faz dele um “homem” (*‘ish*) que “adquire” (*qnh*), enquanto oculta completamente o seu “homem”, seu marido, não deixando espaço, porque entende que é com Adonai que adquiriu Caim (*qayin*)⁴. Então, quando ela dá à luz seu segundo filho, não tem nenhuma palavra para o recém-nascido. Diz o narrador, “e ela gerou seu irmão Abel” (4,2 a). Como o próprio nome indica, Abel (hebel, fumaça, vapor) não conta⁵, nem é definido como o filho de seus pais, apenas como o irmão do outro. O resultado é que a mãe arrasta Caim para uma relação fusional, incestuosa, onde nem o pai nem o irmão intervêm e onde o filho passa a acreditar que está sozinho no mundo. Mas, quando Adonai, o Deus que opera as justas separações, considera Abel e aceita a sua oferta e não a de Caim dele, como se quisesse abri-lo a uma ausência, à alteridade, este não consegue suportar. É assim que o leitor descobre que, se a fraternidade é um vínculo

4 Na verdade, pode-se mostrar que situa desta maneira o seu primogênito, Eva não faz nada mais do que reproduzir a situação em que também é vitimada pelo Humano no momento da concepção de Caim. Ver A. WÉNIN, *Da Adamo ad Abramo o l'errare dell'uomo. Lettura narrativa e antropologica della Genesi. I. Gen 1,1-12,4* (Testi e commenti), EDB, Bologna, 2008, p. 97-101.

5 Mais uma vez trata o seu segundo filho como se ele não tivesse importância, do mesmo modo que era tratada pelo seu marido em 4,1a.

que não se escolhe, ela, por sua vez, é complicada, sendo às vezes comprometida por aqueles que a impõem, isto é, os pais.

A intervenção de Adonai sobre Caim, quando ele está sofrendo (4:6-7) também é instrutiva no que diz respeito à fraternidade. Na verdade, isso indica que o sofrimento causado pelo ciúme pode ser resolvido sem o uso da violência contra os outros e que a situação que provoca a inveja pode fazer a real fraternidade florescer.

No momento em que a presença de seu irmão faz mal a Caim, Adonai lhe diz: “Por que estás irritado e por que teu rosto abatido? Se estivesses bem disposto não levantarias a cabeça? Se estivesses bem disposto, não jaz o pecado à porta, como animal acuado que te espreita; podes, acaso dominá-lo?”(4,6-7). O simples fato de Adonai dirigir-se a Caim, questionando-o, sugere que tenta fazê-lo falar sobre o que está vivendo e pensar em um modo adequado para sair da situação difícil em que está imerso, para “fazer o bem”. É claro que as suas palavras não são muito explícitas – se fossem, correria o risco de fazer de Caim um ser infantil, privado de suas responsabilidades. Mas com base no que leu anteriormente, o leitor pode entender que Adonai propõe a Caim a aceitação de uma ausência ou falta para se abrir à alteridade do irmão, do qual fez ver a presença quan-

do olhou para a sua oferta. Caim não responde nada a Adonai. Se ele diz algo a Abel, o narrador não considera necessário chamar a atenção (4,8: “E Caim disse a Abel, seu irmão, e quando eles estavam no campo [*assim está no hebraico*]...”): na verdade, Caim não fala verdadeiramente. Pelo contrário, ele se expressa matando, selando desta forma o fracasso da fraternidade, concluindo que a palavra autêntica poderia ter criado a oportunidade de entendimento, conforme os pedidos divinos.

Nesta primeira história, que retrata os irmãos, diferentes elementos aparecem. A fraternidade é uma ligação imposta que pode ser comprometida pelas dificuldades ligadas ao relacionamento dos pais entre si e com seus filhos, base da relação entre irmãos. Potencialmente, a fraternidade é uma fonte de ciúme: isto faz com que seja conflitual, submetendo-a a ameaça da violência; porém, pode representar também um lugar de crescimento humano. Neste contexto, a palavra pode desempenhar um papel decisivo, se consegue abrir um espaço para uma mudança positiva, em situações dificultadas pela existência incômoda de um irmão. A sequência da história de Gênesis retomará esta constante em diversas narrativas em que se trata da relação fraterna. Para ilustrar, vou explorar agora a história de Jacó, destacando as variações que essas constantes criam.

2 Jacó, Esaú e outros irmãos

(1) O que aconteceu na vida dos pais tem, muitas vezes, importância crucial nos problemas enfrentados pela relação fraternal. De fato, os irmãos devem assumir um passado que foi vivido sem eles e que, por vezes, torna-se um pesado fardo. Então, se Isaac e Ismael não tiveram a aventura de conhecer a fraternidade, foi por causa do conflito entre suas mães, Sarah e Agar, conflito que os separou desde o desmame de Isaac (16,1-6 e 21,8-14). Da mesma forma, a relação entre Esaú e Jacó parece ter sido envenenada pelas preferências de seus pais. Se Isaac, de fato, prefere Esaú, seu filho primogênito, porque se parece muito com seu irmão mais velho, do qual ele foi privado, Rebeca prefere Jacó (25,27-28, consultar 21,20).

Isto o levará a usurpar de Esaú a bênção que Isaac havia preparado para ele, mesmo enganando o velho pai, já cego. E quando a mãe fica sabendo que, frustrado com a perda da bênção paterna, Esaú fará a Jacó o mesmo que Caim fez a Abel, propicia a fuga de seu filho preferido, até que seu irmão se acalme (27,1-45).

Quanto às duas filhas de Labão, as irmãs Lia e Raquel, também elas viveram um conflito inflamado pelo ciúme, cada uma querendo para si o que era da

outra: os filhos por Rachel e o amor do marido por Lia. Mas elas teriam vivido isso se Labão, seu pai, não as tivesse tornado rivais, dado ambas como esposas a Jacó (29,21-30,24)⁶?

(2) Pré-determinado, desta forma pelo passado e pelo comportamento dos pais, o caminho dos irmãos conhece momentos de tensão em que a violência se manifesta de várias formas. Obviamente, essa violência nunca assume a forma mais radical que tomou com Caim: a eliminação de seu irmão. É claro que esse desejo não falta a Esaú, que jura matar Jacó tão logo o velho pai morra, pois como ele o respeita muito não lhe imporá esse sofrimento (27,41). Da mesma forma, Labão persegue seu sobrinho e genro com os seus irmãos, a fim de fazê-lo pagar pelo que ele fez, prendendo, com astúcia, metade do seu rebanho e roubando seus deuses (31,22-24)⁷. E quando retorna a Canaã, Jacó teme a vingança homicida de seu irmão quando a sua gente

lhe informa que Esaú vem ao seu encontro com 400 homens (32,7-9).

Mas se é, inegavelmente, a mais visível, a violência física não ocupa toda a cena. Nas histórias de Gênesis, esse tipo de violência é ainda mais evidente como uma consequência visível da violência oculta, sofrida por aquele que deseja matar. Assim, o plano de Rebecca para que Jacó seja abençoado pelo velho Isaac, fere o filho mais velho e o próprio Isaac. Na história, a violência é percebida pelas reações angustiantes de Isaac e Esaú, quando eles descobrem a armadilha em que Jacó os fez cair (27,33-38.41). Da mesma forma, as manobras enganosas que Labão põe em prática para manter “seu irmão”, Jacó a seu serviço (29,23-29; 30,25-28), e, em troca, os truques que Jacó usa para ficar rico à custa de seu sogro, desrespeitando os termos do contrato que haviam feito (30,31-31,1), são sentidos pelas vítimas como uma violência, que levará Labão, o enganador enganado, a querer recorrer à violência para se vingar. A cena não termina em sangue por que, de um lado Labão encontra a oposição de Adonai que protege Jacó e, de outro, ele não tem como agir concretamente, com violência. Os dois homens permanecem no nível da violência verbal (31,19-42).

⁶ Devemos reconhecer que Javé à vezes se mete, como se quisesse complicar uma situação que já é complicada: dar o 21,12-13, oráculo de 25,23, embora não esteja claro, beneficia Rebecca, e suas intervenções no conflito das esposas de Jacó em 29,31; 30,17 e 22. Ver 4,4b-5a.

⁷ Laban est l'oncle et le beau-père de Jacob. Pourtant, il présente lui-même Jacob comme son fratello (29,14-15), et le narrateur insiste sur ce lien de “fraternità” entre les deux hommes (29,10-12).

(3) Na raiz dessa violência entre irmãos, está a inveja – com raízes profundas como em Caim, da qual vimos com Caim quão profundas são suas raízes - e também o desejo de vingança que se alia ao ciúme. É a inveja que leva Jacó a propor a Esaú a troca do direito à primogenitura pelo prato de lentilhas que deseja (25,29-34), e é também a inveja que leva Rebecca e Jacó a conspirar para obter a bênção destinada a Esaú (27,6-13). Quando Rachel se irrita violentamente com Jacó, por ele não ter satisfeito o seu desejo de ter filhos, é o ciúme em relação a sua irmã que se torna determinante (30,1). Quando Labão engana Jacó para mantê-lo junto a ele tirando proveito de seus serviços gratuitos (29,23-27, veja 30, 27), e quando decide perseguir Jacó que partiu com as suas filhas e seus bens (31,23), não temos dúvida de que é a ganância que o move. Mas aqui, como vimos anteriormente, há provavelmente um desejo de vingança como aconteceu com Esaú, após o roubo da bênção (27,41). É uma vingança gerada pela inveja após as manobras do irmão que se apoderou do objeto cobiçado. Na maioria das vezes, nestas histórias, torna-se evidente que o sentimento de inveja ou a sede de vingança tendem a gerar nestas pessoas a sensação de estar com a razão quando agem contra o irmão, mas isto só faz dar um impulso extra ao conflito fraterno e distanciar-se ao máximo de uma solução positiva.

(4) Nos episódios mencionados até agora, a palavra é muitas vezes uma ferramenta de astúcia, mentira e violência. Mas, se ela pode contribuir para a degradação das relações fraternas, a palavra também é a maneira de lidar com conflitos e transformar o ciúme no caminho da fraternidade. Até mesmo essas histórias das testemunhas de Gênesis. Apesar dos ciúmes de sua irmã Lia, que deu muitos filhos a Jacó, Rachel também vê que Rúben leva mandrágoras a sua mãe, Lia. Propõe a irmã mais velha a troca de uma noite com Jacó por alguns destes frutos que lhe reacendem a esperança de fecundidade. Ao fazê-lo, entra em uma lógica diferente de inveja e ciúme, pois inicia uma troca com a irmã, na esperança de que ceder-lhe um bem trará bem a ela mesma (30,14-16). Deus logo contentará a ambas, o seu conflito se apaziguará (30,17-24). Ao mesmo tempo, no ápice do seu conflito, Labão propõe a Jacó um pacto. Então, estes dois “falsos irmãos” que não deixaram de enganar um ao outro, chegam a um acordo, comprometendo-se a respeitar a aliança (31,48-53). E o narrador conclui: “E Jacó chamou seus irmãos para comer” (31,54). Enfatiza desta forma o final do conflito onde a fraternidade levou a melhor, abrindo caminho através da inveja e da violência. Jacó, em seguida, volta para Canaã, onde vive Esaú, o irmão que desejava assassiná-lo vinte anos antes.

Apesar do medo, Jacó vai ao encontro de Esaú, que se dirige a ele. Descobre então que a pessoa de quem roubou o direito de primogenitura e a bênção esqueceu o antigo conflito e recebe-o como irmão. Sua troca de palavras, em que Jacó cessa de enganar seu irmão, sela uma reconciliação em que, de forma simbólica, devolve ao seu irmão mais velho, que chama de “meu irmão” a bênção roubada por um tempo (33, 8-11)⁸.

3 José: a lenta construção da fraternidade

Em Gênesis, existe uma passagem que coloca em cena a fraternidade irmanação: é a história de José (Gn 37-50)⁹. Todas as constantes sobre as quais chamei a atenção até aqui podem ser encontradas nesta longa história, que é precisamente focada na busca da fraternidade por parte de José, o personagem principal, cujas últimas palavras no primeiro episódio são muito claras: “Eu procuro os meus irmãos” (37,16).

8 No versículo 11, Jacó diz literalmente ao seu irmão: “Aceita, te peço, a minha bênção que te é oferecida...”

9 Para um estudo detalhado desta temática ver A. WÉNIN, *Giuseppe o l'invenzione della fratellanza. Lettura narrativa e antropologica della Genesi. IV. Gen 37-50* (Testi e commenti), EDB, Bologna, 2007. As páginas que seguem sintetizam o essencial deste livro.

Desde o início da história, no entanto, a própria possibilidade de fraternidade está seriamente ameaçada. Os primeiros versos são inteiramente ligados a esta crise: “José tinha dezessete anos e apascentava o rebanho com seus irmãos; era jovem, - com os filhos de Bala e os filhos de Zelfa, mulheres de seu pai. E José contou a seu pai o mal que deles se dizia. Ora, Israel amava mais a José do que a todos os seus outros filhos, porque ele era o filho de sua velhice, e mandou fazer-lhe uma túnica adornada. Seus irmãos viram que seu pai o amava mais do que a todos os seus outros filhos e odiaram-no e se tornaram incapazes de lhe falar amigavelmente”. (37,2-4). Descrevendo desta forma os termos de um conflito latente, o narrador indica claramente que o passado da família perturba as relações desde o início. No grupo de irmãos, o jovem José, o filho de Rachel, parece reduzido a um servo dos filhos das servas Bila e Zelfa. Mas, aos olhos de seu pai Jacó, ele é “o filho da velhice»; a expressão se refere ao que precede na narrativa, onde se diz que José é o filho há muito esperado pela sua amada esposa, que tragicamente morreu ao dar à luz a Benjamin poucos anos mais tarde. Por isso José é o objeto da preferência de seu pai, num amor evidente que desencadeia o ódio manifesto dos irmãos. Desta forma, em duas ou três frases, o narrador coloca

a tensão familiar no passado dos casamentos anteriores de Jacó e no nascimento de seus filhos, episódios em que o ciúme, a astúcia e a violência vêm à tona continuamente, de forma mais ou menos perceptível.

A nova tensão no grupo dos irmãos é constituída pelos mesmos elementos dos conflitos anteriores. É antes de tudo o favoritismo do pai, amplificado por uma espécie de cumplicidade entre ele e seu jovem filho; José de fato parece querer se aproximar do pai caluniando os outros. O amor demonstrado pelo pai em relação ao irmão que marginalizam, atíça o ódio daqueles que se veem, desta forma, deixados de lado. A fonte deste ódio é, portanto, a sensação de serem vítimas de uma injustiça, à qual é adicionado o ciúme quando José conta a todos os seus sonhos, no qual veem o sinal da sua mania de grandeza (v. 5-11). Este ciúme cheio de ódio provoca, antes de tudo, uma ruptura na família: os irmãos vão para outro lugar apascentar as ovelhas de seu pai (v. 12). Em seguida, gerará violência. Quando José chega, portador de uma mensagem de paz e ansioso por encontrar os irmãos, estes não lhe dão atenção. E uma vez que a sua túnica lhes lembra dos sonhos de grandeza do favorito de seu pai (v. 18-24), arrancam-lhe, antes de jogá-lo em uma cisterna para deixá-lo morrer.

Em seguida, à chegada dos mercadores dará a ideia a Judá de tirar proveito do irmão, vendendo-o

como escravo (v. 25-26). O mesmo ódio os anima, quando decidem informar Jacó da morte de José, trazendo de volta a marca da preferência, a túnica ensanguentada, para que seu pai acredite que José foi dilacerado por uma fera (v. 32-33). Provavelmente, na esperança de que, depois de fazê-los pagar pelo sofrimento inicial, possam retomar uma vida familiar normal (v. 35).

Em todo este conflito, a palavra é contaminada pelo ódio. José relata a Jacó as calúnias seus irmãos (v. 2), e o ódio despertado neles por causa do amor do pai pelo irmão os torna incapazes de falar com ele, de alcançar o *shalôm*, as relações equilibradas (ver 4). Depois, quando José conta aos irmãos os seus sonhos, as suas palavras atíçam ainda mais o ódio e inveja (v. 5-11). Em seguida o narrador expõe as palavras da trama contra José, para matá-lo ou vendê-lo (ver 19-20.26-27), bem como a meia-mentira que deixará o velho pai em uma incerteza cruel sobre o fim do seu amado filho (v. 32).

Colocadas a serviço do ódio, estas palavras são incapazes de permitir relações que, distanciando-se da violência, tomem o caminho de uma autêntica fraternidade. E por causa da falta de palavras adequadas, a incompreensão domina esta família.

Mas tomemos um pouco de distância para observar o que acontece. Na verdade, cada um está trancado em si mesmo, sem perceber que a sua maneira de tentar

sair do seu problema é precisamente o que fere o outro. Provavelmente, é para consolar-se da ausência de Rachel que Jacó depositou a preferência que o ligava a sua mãe. Será que entende que isto incita o ódio dos outros contra o seu favorito? Quanto a José, então, entende-se que, marginalizado pelo grupo dos irmãos, tenta se aproximar do pai que o ama; entende-se também que, diante do ódio causado por esse amor, tenta, de forma um pouco ingênua, retomar o diálogo com seus irmãos, contando-lhes algo de sua intimidade, seus sonhos. Ainda assim, suas histórias são percebidas pelos irmãos como provocação e sinal de insensibilidade do jovem em relação ao sofrimento que causa nos seus irmãos, que se sentem negligenciados, distanciando-os ainda mais. Portanto, livrando-se dele, os irmãos acreditam que podem eliminar a fonte de seu sofrimento. Na verdade, só fazem acrescentar mais dor, para o irmão mais jovem, para o pai e para eles mesmos, porque Jacó não se consola e não consegue retomar uma vida familiar normal, por causa do luto pelo seu filho. Em suma, focados no seu próprio mal-estar, todos se machucam, acreditando que estão se livrando do mal que sofrem. Reproduz desta forma o comportamento de Caim que, matando Abel, acredita eliminar aquele que o priva do olhar benevolente de Adonai.

Como sair deste impasse em que a fraternidade se envolveu? Será possível sair desta fraterna violência, onde todos são agressores e vítimas ao mesmo tempo? Na verdade, a separação entre os irmãos e José será longa. Passar-se-ão décadas antes que eles se reencontrem, assim como para Jacó e Esaú. Tudo acontece como se o tempo devesse passar: o tempo para sofrer as perdas causadas pelo conflito, o tempo para curar certas feridas. Mas isso não é suficiente. Como o narrador do Gênesis deixa entrever já com a história de Caim, será necessário que a palavra também se abra uma brecha para que a verdade emerga pouco a pouco e abra o caminho para um reconhecimento fraterno. Isto é o que conta o resto da história, depois de ter mostrado como, no crisol da provação e de uma forma de morte, José tornou-se um homem justo e sábio (Gn 39,7-20).

A história é conhecida. A esposa do senhor egípcio de José o persegue, assediando-o, mas José a recusa com maturidade e grande respeito pelos outros. A mulher então quer forçá-lo a satisfazê-la. Quando a rejeita novamente, em sua amarga decepção, ela o acusa falsamente. Diante destas calúnias, José se cala; com paciência, como se uma misteriosa sabedoria lhe dissesse que esta era a forma de resistir à violência sofrida. No entanto, não entra no jogo da mulher. Neste caso é o testemunho

da própria rejeição ao mal. Acusar muitas vezes significa adicionar mal ao mal. Mas o sábio sabe que, em geral, o vilão é essencialmente infeliz: José teve esta experiência com seus irmãos. Portanto, acusar o malvado, significa não reconhecer que é um ser ferido e sofrido. Por isso, o sábio José não diz nada, não resiste. Seu silêncio é aquele do justo, que não rejeita a maldade, mesmo quando ele é uma vítima. Ele prefere parar o mal em vez de abrir espaço para ele se fortalecer e se ampliar.

Atitude similar, José adotará alguns anos mais tarde, quando se confrontará com seus carrascos mais uma vez. Depois de ter se tornado o número dois do seu país de adoção, José anteviu a carestia pela qual passariam. Quando esta chega, no Egito há trigo suficiente e os irmãos vão até lá em busca de alimento. E o que José faz quando estão em sua frente sem reconhecê-lo? O narrador diz claramente: comporta-se como se eles fossem estranhos, assim como quando decidiram vendê-lo como escravo. Então, lhes fala duramente e os interroga, e mesmo assim eles não o reconhecem, nem pela aparência ou pela voz (Gn 42,6-8). Por que faz isso? Por que ele se esconde? Não deveria se fazer reconhecer imediatamente? Talvez. Mas, neste caso, como agiria? Ou se vingasse dos seus irmãos, punindo-os por seus crimes contra ele? Não seria, de toda forma, injusto e até mes-

mo violento? Na verdade, punindo os seus irmãos, passa para eles todo o peso da culpa, enquanto ele também tem responsabilidade em relação aos fatos que ocorreram naquele tempo. Ou José perdoa como fez Esaú ao encontrar Jacó. Mas neste modo de agir - coerente com o caráter justo, mas um pouco grosseiro como Esaú - falta provavelmente justiça e sabedoria. De fato, os irmãos se afastaram de José, a ponto de negar com o ódio o status de irmão, quando ele foi tratado como um criminoso, e, em seguida, como um escravo à venda. Tampouco procuraram por ele: se eles estão lá, na frente dele, é porque eles estão com fome. Se os perdoasse imediatamente, José trilharia o caminho em direção aos seus irmãos; os privaria, por assim dizer, de tomar a iniciativa e assim serem libertados; imporá o seu perdão sem ter a menor ideia em que haviam se transformado.

José é sábio quando retoma a situação como era há vinte anos, mesmo sem negar a violência das relações no grupo de irmãos. O resto da história vai mostrar que José optou por este caminho indireto, na esperança de que surgissem autênticas relações fraternas. E mostrará que, se este caminho é mais longo e sinuoso, tem a vantagem de abrir um espaço para cada indivíduo, o que parece mais justo, uma vez que permitirá neutralizar pacientemente aquilo que causou a violência e a desgraça

na família. Para fazer isso, José não deixa de recorrer à dissimulação, à astúcia, e até mesmo à certa violência. Mas vai fazê-lo com tato e fineza, de modo a transformar o mal contra si mesmo para bloquear seu mecanismo portador de morte, que já semeou tanta desgraça em sua família.

José, então, acusa os irmãos de serem espíões, pessoas falsas que fingem ser o que não são. A tática, provavelmente improvisada, dá resultado, pois os irmãos, para se defender, descrevem a sua situação familiar: quem enviaria dez irmãos como espíões? Entram assim na verdade, até que, após as repetidas acusações do Egípcio, evocam Benjamim, irmão de José, que permaneceu com Jacó em Canaã. Fornecem, assim, a José a oportunidade de verificar o que eles dizem. Coloca-os por três dias na cadeia, onde eles experimentarão aquilo que a sua vítima viveu vinte anos antes: no buraco, passando pela angústia de não saber o que aconteceria com eles. Mas Jacó, seu pai, também sofreu com esta história, pois perdeu seu filho amado. Portanto, depois de manter Simeão como refém, José manda de volta para o seu pai os nove irmãos. Voltando para casa, como há vinte anos, com um irmão a menos, sentirão novamente a dor que eles causaram ao pai. Além disso, eles terão de pedir-lhe Benjamim, o outro filho de Rachel, irmão

de José que não foi autorizado a acompanhar os irmãos nesta primeira viagem. Apesar da dureza desta pedagogia, ela se revela imediatamente eficaz: colocados sob pressão, os irmãos se recordam da angústia de José quando despiram a sua túnica e o jogaram no buraco, e admitem uns aos outros a sua responsabilidade pela desgraça. Atingido por esta confissão espontânea que o surpreende, José se afasta deles e chora. Quando volta, o narrador enfatiza, “falou-lhes” (42,17-24). A palavra cria, pouco a pouco, as condições necessárias para uma verdadeira relação fraterna.

Mas não devemos esquecer que um dos primeiros obstáculos à fraternidade nesta família foi a preferência de Jacó por José, o filho de Rachel. Se José acredita no que os irmãos falaram de seu pai e do filho mais jovem que permaneceu no país com ele (v. 13), pode-se supor que Jacó direcionou a Benjamin o amor preferencial que tinha por José - o que, afinal de contas é absolutamente compreensível. O problema inicial que causou o ódio dos outros permanece intacto e o obstáculo deve ser removido. Portanto, exigindo que os irmãos levem Benjamin, José não pode ignorar que está colocando seu pai à prova. Jacó desistirá do seu comportamento violento em relação aos seus filhos, incluindo Benjamin, tirando-o dos seus irmãos? E se ele manteve consigo Benjamin ao

invés de enviá-lo ao Egito com os outros, porque não confiava neles, deixará de lado a sua desconfiança e deixará o seu preferido partir com os outros?

Mas quando seus filhos chegam do Egito, o velho pai se opõe à ideia de deixar Benjamin partir para liberar Simeão: suspeitando que seus filhos tenham vendido o filho para comprar trigo, Jacó insiste em não deixar o seu favorito partir, enquanto os outros filhos se resignam em face à rejeição categórica. José pensou corretamente: será necessário que Jacó renuncie a querer compensar a perda de Rachel e dele mesmo, José, se agarrando a Benjamin, para que as outras relações se tornem possíveis no seio desta família (Gn 42,29-38). Dito isto, enquanto existem víveres, a situação permanece paralisada. Simeão, um dos irmãos, é então abandonado à sua sorte, porque a família de Jacó não sabe que a carestia vai durar muito mais tempo. Em suma, pode-se notar que ainda há um longo caminho a percorrer antes de alcançar a fraternidade. O que importa é que, entre pai e filhos, as palavras progrediram: Jacó disse claramente o que ele achava de seus filhos, enquanto eles desistiram de enganá-lo.

Uma vez terminado o alimento trazido do Egito, Jacó envia novamente os seus filhos. Então, Judá intervé. Ele também viveu com os próprios filhos e com Ta-

mar tempos difíceis, que lhe ensinaram que, se apegar à vida a todo custo paralisa-a e provoca a morte (Gn 38). Dirige-se a seu pai, de forma clara e calma para fazê-lo entender que, se ele insistir em manter Benjamin consigo por medo de perdê-lo, provocará a morte de todo o clã; de fato, se não eles levarem o seu irmão mais novo para o senhor do Egito, os filhos não receberão mais nada dele.

Com um peso no coração, Jacó enfim deixa Benjamin partir, aceitando confiá-lo a seus irmãos, e confiando que Deus será misericordioso para com ele (Gn 43,1-8). A solução foi encontrada. Os irmãos deverão provar que mudaram por causa dos últimos acontecimentos que os reportou vinte anos atrás, obrigando-os a reviver eventos que talvez considerassem esquecidos.

O primeiro encontro no Egito comove muito José, que se esforça para segurar as lágrimas; é muito reconfortante para os irmãos, convidados a comer com o senhor egípcio após Simeão ter sido libertado. Durante a refeição, José emite vários sinais para que os irmãos percebam quem é ele, sem sucesso. (Gn 43,15-34). Assim, no dia seguinte, José manda os homens embora, não sem pensar em um estratagema para que Benjamin seja acusado do roubo de seu copo antes de partir. Isola desta forma, o filho de Rachel do grupo dos irmãos, dando-

-lhes a oportunidade de se livrar do favorito do pai. Ele lhes oferece a oportunidade de fazer com Benjamin, o mesmo que fizeram com ele, mas sem que possam ser acusados, visto que o jovem irmão foi pego com a mão na botija, como um ladrão.

Mas, quando Benjamin é “desmascarado”, os irmãos não o abandonam. Eles o protegem e vão juntos até José, mesmo estando livres para partir (Gn 44,1-14). Continuando com o seu jogo, José insiste: quer fazer do culpado um escravo e mandar os outros ao encontro do pai. Judá, então, toma a palavra. Propõe a sua permanência no Egito como escravo no lugar de seu irmão, isto é, assumir o destino que uma vez impôs a José.

E, ele, tentando convencer o senhor egípcio, fala longamente do amor preferencial que o velho pai tem pelo mais novo de seus filhos; caso Benjamin não retorne, a morte o alcançará. Ouvindo Judá falar, observa-se o quanto mudou. Há vinte anos este mesmo amor de Jacó pelos filhos de Rachel provocou o ódio dos irmãos e a decisão de eliminar José, para depois, por sugestão de Judá, vendê-lo como escravo (Gn. 44,18-34).

Vê-se: estes homens não apenas são solidários com o irmão e não apenas agora respeitam o velho pai, aceitando-o do seu jeito, mas um deles se oferece para ter o mesmo fim imposto à sua vítima, a fim de proteger

a relação privilegiada que, há vinte anos, os tinha feito sofrer a ponto de torná-los maus. Eles não sentem mais ódio, nem ciúme. O que impediu a fraternidade entre eles, já não existe mais. José, então, explode em lágrimas, se mostra para os irmãos, fala com eles por muito tempo e os convida para que morem com ele, irmãos e pai, a fim de sobreviver durante a carestia.

Em seguida, o narrador observa: “Então se lançou ao pescoço de Benjamim seu irmão, e chorou. Benjamim também chorou em seu colo. E abraçou todos os seus irmãos e chorou sobre eles, depois que seus irmãos falaram com ele” (Gn 45,14-15). Impossível no início da história (37,4), agora a palavra circula novamente entre aqueles que o ódio havia separados.

Isto enfatiza claramente o papel da palavra nesta história: começando com palavras duras para com os seus irmãos, retomando a relação do ponto onde tinha parado, José joga continuamente com a palavra, para levar os irmãos a revisitar o passado e tecer novos laços entre eles, com o pai e irmão mais novo.

No final, José fala com seus irmãos, com o rosto descoberto, levando-os, finalmente, a falar com ele. Poderíamos pensar que a história acabou. Na verdade, não. Mesmo que a palavra agora seja possível entre os irmãos, dois problemas ainda precisam ser resolvidos.

De um lado, os irmãos estão essencialmente preocupados com a vida de seu velho pai. Por outro lado, mostrando-se para os seus irmãos, José minimizou o que lhe haviam causado, dizendo-lhes que não se preocupassem: aquilo fazia parte de um desígnio providencial, e agora viviam as felizes consequências.

A culpa deles então é negada, e os irmãos sofrem em segredo por ela. O leitor percebe após a morte do pai: Jacó morreu, os irmãos amedrontados se perguntam se José não os tratará como inimigos, para finalmente se vingar. Em seguida mandam uma mensagem: pretendem revelar as últimas palavras do pai, confessam implicitamente a sua culpa que chamam de “rebelião”, “ofensa” e “mal”.

Então, primeiro em nome do pai, depois em seu próprio nome, imploram o seu perdão pelo mal que fizeram. Vão até a sua casa, atirando-se aos seus pés, implorando pelo mesmo castigo que eles lhe haviam infligido: a escravidão. Fazendo isto, obrigam José a falar claramente sobre a culpa dos mesmos; cabe a ele agora dar um passo na sua direção. Sua resposta é muito justa: afirmando que não está no lugar de Deus, se recusa a tomar a seu serviço àqueles que se dizem “servos do Deus de seu pai.” E, enquanto apazigua os seus medos, acrescenta que não pode castigar o mal que Deus transfor-

mou em bem, em vista da vitória da vida. Desta forma, sem onerar os seus irmãos, José lhes concede o perdão que fecha a ferida deixada pela culpa daqueles que a cometeram (Gn 50,15-21). E o narrador conclui: “E falou ao seu coração” (50,21 b). Registra desta forma a cura final através da palavra que, agora, irá garantir o *shalôm* entre aqueles que foram capazes de tornarem-se irmãos.

Este epílogo da história de José não evoca somente a consolidação da fraternidade entre os filhos de Jacob. No final da história da família de Abraão, Isaac e Jacó será curado também o ambiente pernicioso em que esta família vivia por causa da inveja e do ciúme, do ódio e da violência, da falsidade e da mentira que eram frequentes e pareciam ser transmitidos de uma geração para outra. Para inventar a fraternidade, era necessário afastar também esta forma de maldição através da qual o futuro de uma geração era comprometido desde o início pelos problemas de relacionamento e pelos pecados das gerações anteriores.

Os filhos de Jacó receberam desde o nascimento esta pesada herança: nasceram em um contexto de ciúme e de clara rivalidade entre as duas irmãs, situação causada pelo conflito entre Jacó e seu “irmão” Labão? Eis o que, desde o início, os levou ao ciúme, inveja e ódio que ameaçaram a fraternidade entre eles. Tiveram que as-

sumir e superar este sofrimento quando, impulsionados pelo sábio José, começaram a traçar o difícil caminho que leva à fraternidade. No final de Gênesis a história mostra que é possível, para um homem que deve lidar com a crise de Caim, chegar a um final positivo.

Conclusão

Conforme o relato de Gênesis constata, ninguém nasce irmão. No início, só há filhos e filhas dos mesmos pais, seres ligados de uma forma ou de outra por esta origem comum. Esta relação imposta é potencialmente geradora de conflitos, na medida em que ela está exposta, provavelmente mais do que qualquer outra, ao risco da inveja e do ciúme, irmãos da ganância, que, desde os capítulos 2-4 do livro, é considerada portadora da violência e da morte (Gn 2-4).

Esta situação, difícil por si só, é muitas vezes complicada pelas más escolhas dos pais, cujos filhos sofrem as consequências. Desde o capítulo 13, no entanto, esta mesma relação é apresentada como uma exigência de superação dos conflitos através de escolhas que respeitem o outro (13,8), e pode ser uma fonte de solidariedade para o melhor (Gn 14,14-16) ou para o pior

(Gn 19, 30-38, 34). Aparece, portanto, como um desafio: tornar-se irmão (ou irmã) evitando as armadilhas que a história anterior semeou no caminho, superando a difícil prova da ganância e da violência multifacetada que ela cria, aprendendo ao mesmo tempo a falar a verdade, dando uma base sólida para a confiança mútua, cimento da fraternidade.

Dito isto, podemos nos perguntar se a família narrada por Gênesis, contando a história de quatro gerações, não foi afetada por uma determinada patologia relacional. Cada um julgará com base em suas próprias experiências. Aos meus olhos, no entanto, é mais do que provável que a saga dos antepassados de Israel fale das situações, dos passos, das crises e dos conflitos a que cada família está exposta, voluntária ou involuntariamente, consciente ou não. Por outro lado, talvez esta seja uma das principais virtudes de Genesis: oferecer ao leitor uma espécie de espelho que reflete a experiência de cada ser humano, para dar a todos a oportunidade de ver o seu reflexo e de entender com clareza do que é feita sua vida.

Na verdade, apesar da distância histórica e cultural, esta história está muito próxima da experiência humana comum, para refletir sobre a realidade das famílias e dos indivíduos dentro das mesmas; mas está

suficientemente condensada e afinada para que esta realidade possa ser lida. Abarcando com um só olhar quatro gerações de pais, filhos e irmãos, em uma narração terminada e aberta, Genesis permite que o leitor atento se dê conta desta constante nas relações familiares, com as suas inegáveis riquezas, com as suas dificuldades conscientes ou não, nas suas múltiplas variáveis e inesperadas surpresas. Permite deste modo, a observação das patologias nas relações familiares e em especial da fraternidade, e das possíveis curas. Permite descobrir as armadilhas e as oportunidades dessa relação única, que é o vínculo da fraternidade, um relacionamento ao mesmo tempo imposto e de risco, rico e difícil, forte e frágil; uma relação da qual pode depender o desenvolvimento feliz da nossa humanidade; uma relação que se joga, às vezes perigosamente, onde a vida e a morte se tocam.

Referências Bibliográficas

- ACKERMAN J. S. "Joseph, Judah, and Jacob", in: K. R. R. GROS LOUIS, J. S. ACKERMAN (ed.), *Literary Interpretations of Biblical Narratives II*, Nashville, Abingdon Press, 1982, p. 85-113.
- ALONSO SCHÖKEL L. *Dov'è tuo fratello? Pagine di fraternità nel libro della Genesi*, Brescia, Paideia, 1987.
- AUWERS J. -M. *Joseph ou la fraternité perdue et retrouvée* (Horizons de la Foi 44), Bruxelles, Connaître la Bible, 1991.
- BALMARY M. *La Divina origine. Dio non ha creato l'uomo*, Bologna, EDB, 200?, p. 184-218.
- BEAUCHAMP P. "Joseph et ses frères: offense, pardon, réconciliation", *Sémiotique et Bible* 105 (2002) 3-13.
- CLERC D. e.a. *Jacob. Les aléas d'une bénédiction* (Essais bibliques 20), Genève, Labor et Fides, 1992.
- FISCHER G. "Die Josefsgeschichte als Modell für Versöhnung", in: A. Wénin (ed.), *Studies in the Book of Genesis. Literature, redaction and history* (BETL 155), Leuven, Peeters, 2001, p. 243-295.
- GREEN B. "What Profit for Us?" *Remembering the Story of Joseph*, Lanham – New York – London, University Press of America, 1996.
- HETTEMA T. L. *Reading for Good. Narrative Theology and Ethics in the Joseph Story* (Studies in Philosophical Theology), Kampen, Kok-Pharos, 1996.
- SCHENKER A. *Chemins bibliques de la non-violence*, Chambéry, C.L.D., 1987, p. 13-40.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- N. 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel

- N. 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels

- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 – *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 – *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 – *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 – *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 – *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 – *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 – *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 – *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 – *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 – *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haigh
- N. 75 – *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan

- N. 76 – *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 – *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 – *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 – *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*



André Wenin, teólogo belga, é doutor em Ciências Bíblicas pelo Instituto Pontifício Bíblico de Roma. Especialista em exegese do Antigo Testamento, leciona na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e é professor visitante da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi membro de inúmeros comitês de publicações científicas, como *Graphè*, *Revue Théologique de Louvain*, *La char et le Souffle*, *Estudios Bíblicos* e *Collection Epifania della Parola*. Privilegiando a análise narrativa e retórica, suas pesquisas dissertam principalmente sobre a Bíblia hebraica, em particular os livros do Gênesis, dos Juízes e de Samuel.

Algumas obras do autor

WÉNIN, A. *Homem Bíblico: leituras do Primeiro Testamento*. São Paulo: Loyola: 2006.

_____. “Des chemins de réconciliation”. *Récits du premier Testament*. In *Revista Irénikon*, nº 68. 1995. p. 307-324.

_____. “Des pères et des fils”. En traversant le livre de la Genèse. In *Revue d'éthique et de théologie morale*, nº 225. 2003. P. 11-34.

_____. “Caïn”. Un récit mythique pour explorer la violence. In: V. COLLADO BERTOMEU (ed.). *Palabra, prodigio, poesía* (In memoriam P. Luis Alonso Schökel). Coletânea Analecta Biblica. Vol. 151. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 2003. P. 37-53.

_____. *Dalla violenza alla speranza*. Cammini di umanizzazione nelle Scritture. Bose: Qiqajon, 2005

_____. *Giuseppe o l'invenzione della fratellanza*. Lettura narrativa e antropologica della Genesi IV. Gen 37-50 (Testi e commenti). Bologna: EDB, 2007.

_____. *Da Abramo ad Abramo o l'Errare dell'Uomo*. Lettura narrativa e antropologica della Genesi I. Gen 1,1 - 12,4. Bologna: EDB, 2008.